

## **O RE-VERSO DA CRIAÇÃO EM PROSA POÉTICA. UM RE-CRIAR HUMANO: “A ILHA DESCONHECIDA FEZ-SE ENFIM AO MAR, À PROCURA DE SI MESMA”**

*Gean Paulo Gonçalves Santana*<sup>1</sup>

### **RESUMO**

Este texto guia-se pelo universo imagético presente no livro do Gênesis, em suas “coordenadas metafóricas”, pedra de toque do valor cognitivo (RICOEUR, 2009), com o intuito de apresentar um outro olhar, ver e reparar da Criação, a partir do “Conto da ilha desconhecida”, de José Saramago e, para isso, busca explicitar-se a partir da experiência construída sob o olhar atento, silencioso e determinante de outro referente, incansavelmente interpretado como o “mal” da história – a personagem feminina. Nessa reflexão cosmogônica, não há buscas por verdades, mas uma nova interpretação, conferindo sentidos novos e/ou corroborando os que anteriormente foram veiculados no processo de reconstrução societária à procura das ilhas desconhecidas, ou o desencadear de um novo rito de passagem que possa configurar-se em um novo processo de nomeação, identificação e reconhecimento do episódio da criação na contemporaneidade – nossa humanidade perdida. Os resultados das análises que sustentam este texto dialogam com os pressupostos da Literatura Comparada e, com as concepções de imaginário, proposta por Gilberto Durand e Jean-Jacques Wunenburger; o feminino-masculino, em Rose Marie Muraro e Leonardo Boff; with Ivo Storniolo and Euclides Balancin., como ler o livro do Gênesis, origem da vida e da história.

**Palavras-chave:** Imaginário. *Re-criação*. Novo Éden.

### **ABSTRACT**

This text dialogues with the “metaphorical coordinates” (RICOEUR, 2009) of the imagetic universe of the book of Genesis with the intent of presenting a new angle of interpretation of the “Story of the Unknown Island” by José Saramago. We explore the dense, deep waters of the imagination, so full of different meanings that are constantly renewing themselves and

---

<sup>1</sup> Pós-Doutorado em Estudos Literários POSLIT/UFMG e em Herança africana pelo Instituto Caro y Cuervo – ICC/Colômbia. Doutor em Letras - Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, na área de Teoria da literatura: Literatura, memória e história, representações literárias regionais. Mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia (2008). Professor Adjunto da Universidade do Estado da Bahia. E-mail: [gpsantana@uneb.br](mailto:gpsantana@uneb.br).

being renewed. To do this, we direct our attention to the solemn, attentive and determinant gaze of the female character who is so often understood as the embodiment of evil. In our cosmogonic reflections, we are not searching for truths, but for new possible interpretations of the societal process of reconstruction mirrored in the search for unknown islands. This may involve a new rite of passage which transforms itself into a process of naming and identifying or of affirming the creation story in our lost humanity today. The results of this analyzes that support this text dialogue with the assumptions of the Comparative Literature, with the conception of imaginary proposed by Gilbert Durand and Jean-Jacques Wunenburger; with female and male, Rose Marie Muraro, Leonardo Boff; with Ivo Storniolo and Euclides Balancin, how to read the book of Genesis, origin of life and history

**Keywords:** Imagination. *Recreation*. New Eden.

“Se podes olhar, vê.  
Se podes ver, repara!”  
(SARAMAGO, 2006, p. 9)

## 1. *Introdução*

Versar sobre a experiência<sup>2</sup> humana que no imergir literário, sócio-histórico e religioso privilegiou recortes, e que, pelo próprio limite estabelecido na ausência de fronteiras dado o universo simbólico, faz-se amplamente complexo, é ponto de “reflexões”, as quais corroboram conceitos previamente estabelecidos na inter-relação humana e que, por isso, ampliam e aprofundam concepções de homem, de sociedade e de mundo. Esse reverberar torna-se necessário, dada a necessidade de revisão da humanidade em torno do anonimato da “fabricação” de imagens que, “enlatadas”, paralisam, petrificam e ocasionam uma anestesia da criati-

---

<sup>2</sup> Explicitando mais os componentes desta palavra transliterada encontramos os seguintes significados: “EX”: esta preposição latina significa sair de, estar fora de, de dentro para fora, além de outros sentidos. “PERI”: tem um sentido de ao redor de, em torno de, isto é, conhecer, ver o mundo e a vida por todos os lados, dos diversos ângulos e “ÊNCIA”: do latim “scientia”, significa ciência, conhecimento, saber. Um conhecimento que o ser humano adquire quando sai de si – ex – e se confronta com o mundo, com as pessoas, com as coisas e com a realidade – Peri. Experiência não significa apenas ciências, mas é também consciência. (RECH, 1998, pp.21-22).

## *Religião, Língua e Literatura*

vidade do imaginário e o nivelamento dos valores, numa indiferença espetacular (DURAND, 2010).

Parodiando Gerd Bornheim (2007), pode-se dizer que, estabelecer uma visão orgânica a partir de critérios que elucidam a dimensão unitária do conjunto, em se tratando da natureza humana é, por vezes, demasiado insólito, visto que a precariedade de uma perspectiva sócio-histórica do leitor-expectador incorre em não aquilatar o “real” estado das coisas.

Imerso nessas beberagens, o percurso discursivo-metodológico deseja refletir sobre o princípio feminino, como resgate da tradição ancestral do matriarcado, como “Fonte de onde tudo procede e o Útero que tudo acolhe” (MURARO; BOFF, 2002, p. 89) e propicia transformações no processo de reconstrução societária à procura da *Ilha desconhecida*, e assim, revelar o desencadear de um novo rito de passagem que possa configurar-se em um novo processo de nomeação, identificação e reconhecimento do episódio da criação na contemporaneidade – nossa humanidade perdida. Isto posto, vale dizer que as crenças em um único olhar é um problema, visto que, as dialéticas nelas inseridas, oscilam entre localidade e mundo e o devir humano.

Esta análise busca refletir sobre o processo de *re-criação* da humanidade perdida, a partir da experiência construída sob o olhar atento, silencioso e determinante de outro referente, de uma verdade, incansavelmente interpretado como o “mal” da história – a personagem feminina: a mulher da limpeza e sua relação com o pedinte, contrapondo a escritura patriarcal, visto que nesta, “o poder da mulher de dar a vida é transformado numa maldição e realizado entre sofrimentos (Gn 3:16). Como depreende, a inversão é total e de grande perversidade” (BOFF; MURARO, 2002, p.96). Portanto, mesmo noutro contexto, mas aplicável à narrativa de subserviência dada a mulher em relação ao homem, é possível utilizar-se das reflexões em Camargo (2008, p. 95), para dizer que, “se [essa] verdade é criada, então ela é uma espécie de erro. Uma verdade é apenas um erro mais aceito pela moral, talvez por ser um erro necessário” a concentração masculina e patriarcal.

Trata-se de um convite, no campo da literatura, para rememorar o episódio alegórico descrito no livro do Gênesis, seja pelos discursos escolásticos, seja pelos veiculados popularmente: a criação, o caso Eva, o fruto e a serpente enganadora. Dessa tríade, vislumbra-se a titularidade dada a mulher, a geradora da mácula original, a grande culpada pela inserção do pecado no mundo, promotora da “cana rachada e do pavio sem

luz”, a opositora do “servo divinal” (Is.42:1-4). Uma carga silenciada ou geradora de silenciamento às aspirações femininas. Sobretudo, quando o paraíso é determinado pela supremacia patriarcal. De acordo com Muraro e Boff (2002, p. 95), “a mulher é eternamente maldita, feita um ser inferior, tentadora e sedutora do homem. Ela sente-se atraída pelo homem pelo desejo sexual, apresentado negativamente”. O texto bíblico diz explicitamente que “o homem a dominará” (Gn, 16).

Também, em relação a narrativa bíblica, Mario Liverani (2008), pontua que, “é, antes de mais nada, uma ulterior expressão dos recorrentes episódios de transgressão e de punição, postos desta vez na origem mesma da humanidade. O paraíso, porém, é também símbolo de uma condição existencial marcada por sentimentos contrapostos de inclusão/exclusão (LIVERANI, 2008, p. 296).

Com o intuito de avançar nas tessituras densas e profundas do imaginário, dominadas pela lógica da similaridade, e da simpatia cósmica, em que o intérprete tem o direito e o dever de suspeitar que aquilo que acreditava ser o significado de um signo seja de fato o signo de um outro (ECO, 1997), essa reflexão vale-se do universo imagético presente no livro do Gênesis, em suas “coordenadas metafóricas”, pedra de toque do valor cognitivo (RICOEUR, 2009, p.67), com o intuito de apresentar um outro olhar, ver e reparar da Criação, a partir do Conto da ilha desconhecida, de José Saramago (1998), uma reflexão que narra a itinerância de um homem que se coloca à porta das petições da casa do rei para pedir-lhe um barco e, com este, navegar ao encontro da ilha desconhecida.

O Gênesis da ambiguidade humana, assim como as representações do mesmo no imaginário coletivo de determinados povos e, posteriormente socializados, pelos choques das relações culturais, tão antigas que se perdem nos escombros da memória humana. Sabe-se que, em 971-931 a.C, período do governo de Salomão, a representação da serpente, mesmo que metafórica, já se configurava, pois este soberano, além de importar a esposa do Egito, também, o fizera com o modelo inteiro da política e economia que nela querem representar, a esposa-serpente. Sabe-se que, no Egito, a serpente era símbolo da cultura e diplomacia que sustentava a política absolutista do Faraó. Em seu governo, segundo relatos do livro de 1 Reis 1:11, observam-se as consequências de um governo absolutista, ditatorial: trabalhos forçados, uma economia sustentada em tributos pesados, cassação do direito à participação do povo na política e, a grande antítese social: luxo da corte e miséria do povo. Também, no ambiente cananeu,

### *Religião, Língua e Literatura*

nota-se que a serpente, considerada símbolo da fertilidade, representava, em essência, a sustentação do regime de exploração que os senhores das cidades-estados estabeleciam para com os camponeses (STORNILO, 2007).

Com as reflexões de Ivo Storniolo (2007), deseja este texto pensar o reverso da criação, dando ao feminino um outro olhar, quando o autor diz que a serpente quer referir-se a uma problemática complexa e ampla, cujos efeitos são observáveis no mundo político, econômico e social, obra do patriarcado. Segundo o autor, o que se quer salientar é que “existe na vida de cada pessoa o mesmo fenômeno: a tendência à autossuficiência e à pretensão de um discernimento absoluto” (idem, p.22): onisciência, onipresença e onipotência, ser um deus. Um ser que se coloca acima de quaisquer padrões, garantindo-lhe o direito em deixar viver ou tirar a vida, fato que se aproxima do Rei absoluto, o faraó, e todas as formas patriarcais de poder.

Ao discurso de Storniolo (2007), acrescenta-se os de Muraro e Boff (2002). Estes últimos explicitam uma reflexão importante ao feminino invisibilizado e diabolizado. Dizem que as narrativas do Gênesis que sustentam o pecado original colocam em questão quatro símbolos fundamentais da religião da grande mãe.

O primeiro símbolo a ser atacado é a própria mulher, que na cultura matriarcal representava o sexo sagrado, gerador de vida. Como tal a mulher simbolizava a Grande Mãe, a suprema divindade. Em segundo lugar, desconstrói o símbolo da serpente, considerado o atributo principal do Deus-Mãe. Ela representa a sabedoria divina, que se renova sempre como a pele da serpente. Em terceiro lugar, desfigura-se a árvore da vida, sempre tida como um dos símbolos principais da vida. Ligando como toda árvore o céu, a terra, ela continuamente renova a vida, como fruto melhor da divindade de do universo. O Gênesis (3: 6) diz explicitamente: ‘A árvore era boa para se comer, uma alegria para os olhos e desejável para se agir com sabedoria’. Em quarto lugar, destrói-se a relação homem-mulher, que originalmente constituía o coração da experiência do sagrado. A sexualidade era sagrada, pois possibilitava o acesso ao êxtase e ao conhecimento (MURRARO; BOFF (2002, P.95-96).

É imperativo o uso poder da palavra como força criadora do mundo, principalmente do ocidental, a America Latina, o grande “édem” metafórico, no Gênesis, da invasão ibérica/lusófona, sob o imprimato da religião cingida politicamente pelo patriarcado. Absolutismo assumido e

velado em seus constituintes e, na performance histórica de sua constituição, que entre atos e “assaltos”, que exemplo do rei preso à porta dos obséquios, se esqueceu de observar que um desejo não pode ser visto como “umbigo do mundo” e que existem outros mundos que correlacionam e que precisam ser construídos de experiência (RECH, 1998) da/na existência humana.

Os escritos de Rose Marie Muraro e Leonardo Boff (2002), pontuam:

Todas as grandes religiões que estruturaram no código patriarcal a sua experiência originária do Divino são reducionistas e nos transmitem uma tradução parcial [...]. O imaginário, a linguagem, os símbolos, os ritos e os textos fundadores destas instituições trazem marcas da cultura masculina. Por isso, essas linguagens devem ser não apenas desmitologizadas, mas fundamentalmente, precisam ser despatriarcalizadas. Só desta forma podem hoje ainda se legitimar e manter o seu extraordinário valor. Tal postulado desencadeia um processo de crise e purificação [...]. Ou se reconstruam sobre bases transexistas, com larga participação das mulheres e com a assunção decidida do princípio feminino, ou se enrijecem nos seus tradicionalismos, antifeminismos e patriarcalismo (MURARO; BOFF, 2002, p. 86-87).

A questão que se deseja instaurar é não limitar o olhar, para não correr o risco de não ver a 'beleza' do ato de olhar, ver e reparar (SARAMAGO, 2006) intrínseco ao princípio dinâmico-divino feminino no Conto da Ilha desconhecida. Nessa perspectiva, torna-se importante discutir literatura em sua multiplicidade, desfazimentos fronteiros, (des)continuidade, criação e cosmopolitismo, elementos que compõem a literatura mundo, no véis do modernismo, e, assim, pensar as intersecções em torno da literatura-mundo, conceito proposto para a tradução para português de *world literature* (BUESCO, 2013), e a dimensão transversal da lusofonia, num paradigma que, a ela, não se limita, em torno das implicações simbólicas e políticas no campo literário.

Essa tessitura, apropriando-se da ideia de que “um galo sozinho não tece uma manhã” e de que o amanhã, aparentemente, próximo-distante, é tecido-estaleiro do/no sonho existencial, princípio de humanidade, e que este, em sua concepção construtiva civilizatória, não-ocidental, não dicotomizou as estruturas antropológicas do imaginário (DURAND, 2002) e, por isso, deseja (re)velar nuances da poética do Criador/Criatura que com dedos de artistas pintou a grande aquarela: o Universo que, em sua expansão cósmica, revela-se, simultaneamente, diurno-noturno na formação das imagens que, segundo Durand apud Wunenburger (2007,

## *Religião, Língua e Literatura*

p.20) arraigam em três sistemas reflexológicos que esboçam a infraestrutura da sintaxe das imagens: os reflexos posturais, digestivos e sexuais; estruturas que fazem do imaginário um mundo de representações.

Adentrar o universo diurno-noturno, em sua alquimia linguística, ultrapassa o “real” da matéria, pois ao dominar o seu universo significante, ocasiona metafisicamente um alcance longínquo. Como afirma Artaud (1993), “não como uma cópia inerte, tão inútil quanto edulcorada, mas de uma outra realidade perigosa e típica, onde os Princípios, como golfinhos, assim que mostram a cabeça apressam-se a voltar à escuridão das águas”. (*idem*, p.43).

São tantas as possíveis indagações que subverter a “ordem” incorre em provocar o caos, dá um corte longitudinal com uma navalha no globo ocular, dissolvendo os olhares viciados (COELHO NETO, 2003), propondo um novo modo em olhar, ver e reparar a realidade da natureza humana, tão presente, mas simultaneamente tão ausente da consciência de uma sociedade entorpecida pelo patriarcalismo que não enxerga o feminino como parte integrante dos construtos sócio-históricos da humanidade.

O *re-verso* da criação, para utilizar das palavras Simone Pacot (2007), trata-se de uma espécie de dilaceramento de todo o ser, uma desestruturação, uma *des-criação*, para pensar os processos em prosa poética da *re-criação* humana, que vão repercutir em cadeia sobre o conjunto das relações: a relação consigo mesmo, com o outro e com o espaço. Nessa cadeia de relações, em que o imaginário é pulsante, há de se pensar o diálogo entre as obras como uma grande representação teatralizada. Assim, é pertinente considerar uma teatralidade a ação das personagens, utilizando da comparação teatro e peste descrita em Artaud (1993).

Do ponto de vista humano, a ação do teatro como a da peste é benfazeja, pois levando os homens a se verem como são, faz cair a máscara, põe a descoberto a mentira, a tibieza, a baixaza, o engodo; sacode a inércia asfixiante da matéria que atinge até os dados mais claros dos sentidos; e, revelando para a coletividades o poder obscuro delas, sua força oculta, convida-as a assumir diante do destino uma atitude heroica e superior que, sem isso, nunca assumiriam. (ARTAUD, 1993, p.26).

Dessa forma, ruminar o episódio do Gênesis, pleno de representações imagéticas, nuances da ambiguidade humana teatralizada, é perceber que, criadas pelo e para o homem, no cotidiano de sua existência, levam a pensar no que elas produzem, instauram e encobrem em relação ao passado-presente público-privado da época em que se vive. Sobretudo, no

Novo Mundo de invasão hispânica/lusófona e de tantas outras que construíram Jardins, fomentados pelo absolutismo, marcado por tantas desigualdades sociais e por tradição histórica de privilégios à elite detentora de poderes culturais e econômicos que se beneficiou da exclusão dos grupos social economicamente fragilizados. Que provocou e ainda provoca marginalizações sociais, culturais e econômicas a que são relegadas as minorias econômicas, pela força do patriarcado.

## **2. *Tramas textuais: no princípio era o verbo, o devir humano a procura do novo Édem***

“Dá-me um barco”. Eis o desejo fundante, gênese de uma magistral aventura de transformação humano-societária; um encontro de si mediante um outro. Um verbo que a exemplo do *abre-te, sésamo* encarnou-se de tal forma que se tornou parábola epifânica de grandes tesouros. Fez-se autoridade; “verdadeira matriz arquetípica” (WUNENBURGER, 2007, p. 20) do cavaleiro, navegante, retirante que não teme em recobrar o que lhe é por direito. No Conto a procura da Ilha desconhecida, o personagem deitando-se ao comprido no limiar da porta das petições da casa do rei, ao tornar-se pedinte, “esvaziou-se de si mesmo”, preparando-se por passar entre o “fundo de um a agulha”<sup>3</sup> (Lc, 18: 25), instrumento imprescindíveis para cingir o cisma civilizacional de uma sociedade adormecida-entorpecida, “entrópica”, condicionada ao desaparecimento e à morte (DURAND, 2010, p.119). Pedir um barco é rememorar toda uma potencialidade significativa, visto se tratar de uma imagem primitiva e universal.

Na história da literatura humana o barco é um dos símbolos mais ricos, seja por transportar mortos, promover conquistas e redensões, bem como salvar povos de catástrofes e/ou conduzir o ser à enigmática terceira margem. Desejar um barco não significa na narrativa fechar-se em si. O barco é instrumento para se chegar a outro habitat: a ilha desconhecida,

---

<sup>3</sup> O termo grego para agulha é *raphis* (ραφίς), aquele objeto usado para costurar – Lucas usa o termo *belónes* (βελόνης), que significa agulha cirúrgica, usada para cuidar da saúde das pessoas. Queimado, José Luis. Conhecendo os Evangelhos: O camelo e o buraco da agulha. Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/igreja/conhecendo-a-biblia-o-camelo-e-o-buraco-da-agulha>. Acesso em 11 de maio de 2020.



### *Religião, Língua e Literatura*

uma terra fértil, nome e sobrenome originário de homem: húmus (BOFF, 2003). Mais que berço, é óvulo e útero a fecundar o sonho.

Se aquele a quem é solicitado soubesse o sentido e as sentenças profundas do verbo e do seu objeto, “dá-me um barco” (SARAMAGO, 1998, p.3), indubitavelmente, se entregaria ao propósito: ir ao encontro da ilha desconhecida, conseqüentemente, ao encontro de si. Contudo, preso à porta dos obséquios à que “sempre” se encontrara, o rei, constituído “único herdeiro e senhor da verdade”, aparentemente, dono da resposta e sentindo-se dono de tudo, não percebia o enclaustro a que fora acometido em sua jornada existencial. Expulso do “interior de seu interior”, tornando-se um corpo ressequido em meio a um Oásis de riquezas aparente, e iludido pelo seu jogo intrigante, no delírio de sua “inopinada” condição absoluta que se imagina onisciência-onipresença-onipotência. Dessa forma, como era possível alguém lançar-se à aventura de ir à procura de algo desconhecido, dado a sua inexistência? Como alguém ousaria tal empreendimento, visto que tudo já havia sido informado, cartografado, possuído? Tal argumento há de se fazer pensar, pois, de acordo com Durand (2010, p.120), “quanto mais uma sociedade é ‘informada’ tanto mais as instituições que as fundamentam se fragilizam”. Assim, nessa cena, é possível reparar o pensamento “diabólico-separador” (STORNILO, 2007, p. 22) do rei pelo fato de “absolutizar o seu pequeno discernimento, como se fosse o discernimento absoluto” (idem, p.22).

Desse modo, a retórica do pedinte causa assombro ao rei, deixando-o desconcertado, visto que tal solicitação exigia respostas e novas perguntas gestoras de imagens com suas estruturas polarizantes: mística, heróica e cíclica (WUNENBURGES, 2007) e, a demora poderia ocasionar conflitos e tensões, “aumentar gravemente o descontentamento social, o que por seu turno, ia ter imediatas e negativas conseqüências no afluxo de obséquios” (SARAMAGO, 1998, p.3); tal reflexão corrobora-se com a ação do “coro” presente na narrativa, pessoas que esperavam na porta das petições e vizinhos que, assistindo o reverberar do pedinte com tranqüila firmeza, convalidam o pedido e gritam “dá-lhe o barco, dá-lhe o barco” (SARAMAGO, 1998, p.4). Um desfazimento de Babel, um provocar ético de movimento ascendente e descendente (DURAND, 2010), respectivamente, um sair da caverna da mudez-cegueira para ir em busca de um novo mundo – ver a luz e, assim, reparar a nudez inter e exterior de corpos ressequidos no jardim do monarca pelas presas profundas de seu absolutismo patriarcal. Mesmo em outro contexto, mas que dialoga com a representação do coro na narrativa, é possível uma aproximação de sentido

dado ao coro, conforme o que pontua Machado (2006) a respeito da filosofia do trágico sobre temas poéticos:

O coro e os heróis da tragédia como representante do divino e dos indivíduos em luta, no sentido de esses dois elementos representarem, por um lado, a consciência do divino – a consciência geral substancial que presencia a ação, ou a luta com serenidade – e, por outro, o *pathos* individual, que é a justificação ética que leva à oposição entre indivíduos empenhados na ação. Por um lado, sua análise dos personagens em ação salienta a luta, o conflito que eles desencadeiam com a reivindicação ética de um direito referente a um fato determinado. Isso porque, como vimos, a ação de um indivíduo viola um outro princípio igualmente ético, igualmente fundado em direito, da vontade humana, acarretando uma colisão de forças éticas (MACHADO, 2006, p. 135-136).

Mas, querer um barco!?! Ir a procura de uma ilha desconhecida!?! Vivendo no fluxo do não criar imagens, o rei esqueceu-se de que se fez imagem; então, eis que surge com uma réplica, no intuito de invalidar tal pedido, “e tu quem és, para que eu to dê?” (SARAMAGO, 1998, p.4) Não obteve resposta. Mas provocara uma nova réplica-imagem por parte do pedinte: “e tu quem és para que não mo dê?” (idem, p.4). Nessa inquisição, eis que se desvela a imagem do dono da árvore que se localiza no meio do jardim, e, por isso, possuidor de todas as coisas: “sou o rei deste reino, e os barcos do reino pertencem-me todos” (idem, p.4).

A força que não emerge do centro, e sim da periferia, revela a sensibilidade efêmera do poder central, um pensar em torno da poética de ruptura: uma releitura da tradição. Quem sabe um refazimento da itinerância humana que, em virtude da dita mobilidade, traço da modernidade, lhe fora suprimido o tempo e o espaço volatilizado. Também, traço do absolutismo, não o feminino, não o matriarcal, não a simbologia da serpente que cartografa sabedoria e cura, equivocadamente comparado ao mal e transposto ao feminino e sua relação a serpente, mas o poder usurpador, ser enganador do/no jardim que na inoperância de seu poder, por centrar e controlar a tudo e a todos, vende ilusão e aparência. Então, não é possível fazer tal ligação com a simbologia da serpente, pois “ela representa a sabedoria divina, que se renova sempre” (MURARO; BOFF, 2002, p.95), enquanto o absolutista, não consegue dispor de seu lugar, que considera imutável. O conflito entre o rei e o pedinte relava uma colisão de forças éticas.

## *Religião, Língua e Literatura*

E, nesse (des)confluir de imagens, em que o sólido se desfaz e o uno se diversifica, em que entra em jogo a ideia do novo, quando aparentemente surgia do discurso do rei um significado para o signo, matriz e motriz da cristalização do poder cumulativo, dito “onipotente”, o reverberar do pedinte desdobra-se em um novo signo, desvelando novos significados, construtores de novas vertentes, princípio fecundo, como o vento que outrora pairava e fecundava o grande vazio quando apenas existia o “Verbo” (Gn. 1: 2).

Nesse ir e vir de sonoras imagens, veiculadas pelo discurso do pedinte, eis que surge um ser germinal<sup>4</sup>, princípio, origem de qualquer coisa (imagem nascente, embrião do novo Édem: liberdade “*ad-infinitum*” que, na inteireza do seu pedido, imprime um primeiro golpe àquele constituído “senhor do Jardim”: “mais lhes perecerás tu a eles do que eles a ti. Tu sem eles, és nada; e que eles, sem ti, poderão sempre navegar” (SARAMAGO, 1998, p.4). Um princípio de isomorfismo no imaginário, “pelo qual o pequeno pode agir sobre o grande porque é um concentrado de seu poder, e pelo qual o grande pode tornar-se pequeno por uma simples mudança de escala” (BACHELARD apud WUNENBURGER, 2007, p.38).

Nessa propensa aquarela, entre ditos e não ditos, sobressaem não respostas “enlatadas” impregnadas de uma total “liberdade de desinformação” (DURAND, 2010, p.119) nem, tão somente as veiculadas por aqueles que acumulam capitais com suas “bondades” enganadoras, “o que é teu é meu, o que é meu não é teu e, somos livres”. Surgem, sim, perguntas esfíngicas: “conhece-te, a ti mesmo?! Um reparar, minuciosamente, das partes do todo, bem como o todo feito em partes, desvelando estruturas figurativas próprias do *Homo sapiens* que é também *Homo symbolicus* \_ uma imagem representativa deixada sob escombros do tempo em que a ironia faz-se arma discursiva.

Esse pairar do vento, discursivo-persuasivo, simbiose do *homo sapiens-homo symbolicus* fez surgir a concretude do pedido, como outrora fez surgir o universo (Gn, 1). Assim, o rei, que há muito havia se perdido, em ter apenas o nome rei, escreve sobre o ombro da mulher da limpeza o cartão de doação: “entrega ao portador um barco, não precisa ser grande, mas que navegue bem e seja seguro, não quero ter remorsos na consciência se as coisas lhe correrem mal” (SARAMAGO, 1998, p.4). Define a doação.

---

<sup>4</sup> Conforme verbete do dicionário de Francisco S. Borba (2004), Adjetivo 1. do (s) Germe: germinal; 2. Relativo à reprodução dos seres vivos; células germinais humanas; 3. Relativo a germinação: um movimento potente e germinal; 4. Básico. Fundamental (BORBA, 2004, p. 676).

Consciência ou um passar de responsabilidade? Um possível (re)velar da ambiguidade humana.

Diante dessa realidade tão presente no presente, a ambiguidade humana, o pedido do pretenso navegador faz perceber aos olhos-consciência da mulher da limpeza, que o olhara com cara de caso, que a pretensão absolutista do rei despojou o povo, denotando perdas consigo e com os outros, revelou sua nudez, motivo da cegueira diante da ilha desconhecida, conseqüentemente, a perda de acesso à árvore da vida, ou seja, essa potencialidade do humano em colocar-se sempre à procura do desconhecido, um navegador imerso na *experiência* (RECH, 1998) da busca infinita de si, do tempo e do espaço; morfemas sempre em metamorfose.

Antes mesmo que o homem levantasse a cabeça denotando que iria agradecer a dádiva, o rei desaparecera em sua inoperância fantasmagórica de sua condição humana. De prontidão, encontrara, tão somente, a mulher da limpeza “a olhar para ele com cara de caso” (SARAMAGO, 1998, p.5). Uma cumplicidade construída no âmago de sua existencialidade, afinal, mais do que abrir portas e fechá-las, seu olhar de caso representava a própria crença de abertura necessária ao navegador. Uma anti-Eva. Aquela que fizera o caminho inverso incluiu, incluindo-se, incluindo-o; sai da caverna enganadora, domínio da serpente rei; liberta-se da aldraba de bronze a que estivera presa por tempos lacunais, um círculo vicioso de manutenção do poder, e nunca de transformação, para seguir o navegador em seu itinerário rumo à Arca da nova aliança à procura do tesouro perdido: novos céus e nova terra.

Convicta do chamado interior que recebera, por presenciar tamanha revelação, a mulher da limpeza emerge-se do “reino” submerso em dilúvio humano. Por isso, vale ressaltar que a ilha desconhecida torna-se para ela uma imagem que representa uma espécie de intermediário entre um inconsciente não manifesto e uma tomada de consciência ativa, “chave que dá acesso ao aposento mais secreto e mais recalçado do psiquismo” (DURAND, 2010, p.36), daí, o seu resignificar de vida ao colocar-se nessa procura da nova terra onde corre leite e mel (Gn, 12:1-3).

Assim, nota-se que o sistema de crença personificado no homem pedinte e o explicitar do lugar-desejo almejado revelam as estruturas plurais e irredutíveis articuladas pelo imaginário humano. Nesse sentido, o desejo fundante em encontrar a Ilha desconhecida, conduzindo-o a pedir um barco, ou o simples deslocar fíncando os pés e/ou deitando-se como

## *Religião, Língua e Literatura*

“corpo insepulto”<sup>5</sup>, na porta das petições e sua determinação tranquila denotam atos heroicos, místicos e disseminadores, classes que gravitam ao redor dos processos matriarcais do “separar, incluir e dramatizar” (DURAND, 2010, p.40).

Em sua performance o homem explicita uma nova ótica relacional, maior-menor/menor-maior, revelando discernimento quanto ao uso da Palavra; traz para dentro de sua crença outros olhares, atitude, a exemplo, o coro dos vizinhos e de outros pedintes que estavam nas imediações da porta das petições, bem como a sinergia da mulher da limpeza que com extrema firmeza, ao presenciar o desfecho do verbo e seu objeto, desabita a casa das tantas portas inoperantes e encarna no sonho da ilha desconhecida, assim, ao ouvir a aldraba chamando-a, “deu a volta e saiu com o balde e a vassoura por outra porta, a das decisões, que é raro ser usada, mas quando é, é” (SARAMAGO, 1998, p.5).

Para além da indubitável certeza, a mulher da limpeza se arma como uma amazona, porta consigo nesse deslocar o balde e a vassoura, metaforicamente, escudo e espada, à espera do por vir, visto que desde o primeiro contato com o homem pedinte, se fez interiormente protetora da concretude do sonho com gestos construtivos de reflexos posturais. Uma premonição do devir humano.

[Quando a mulher] entrou no barco, duas coisas lhe valeram aí, a vassoura do palácio e a prevenção contra as gaivotas, ainda não tinha acabado de atravessar a prancha que ligava a amurada ao cais e já as malvadas estavam a precipitar-se sobre ela aos guinchos, furiosas, de goela aberta, como se ali mesmo a quisessem devorar. Não sabiam com quem se metiam. A mulher da limpeza pousou o balde, meteu as chaves no seio, firmou bem os pés na prancha, e, redemoinhando a vassoura como se fosse um espadão dos antigos, fez debandar o bando assassino (SARAMAGO, 1998, p.7).

Assim, ao sair da porta das petições atravessando a porta das decisões assumiu o plano da subversividade rompendo com o poder dominante. Sua vassoura-espada no decorrer da narrativa pouco a pouco corporifica sinais de potência e de pureza, visto que a espada é um símbolo mítico apolíneo — uma luminosidade requerida quando do desbravar do mar. Arma-se para a grande cruzada mar adentro, mar afora no

---

<sup>5</sup> Referência a Antígona de Sófocles. “com Antígona nos deparamos com uma figura que transforma o escândalo de sua ação, [...] numa possibilidade infalível de apontar as fragilidades da tirania como representação do poder público” (GARBERO, 2017, p. 3).

enfrentamento dos monstros a se (re)velar. Nessa perspectiva Gilbert Durand reverbera:

Figurar um mal, representar um perigo, simbolizar uma angústia é já, através do assenhoreamento pelo cogito, dominá-los. Qualquer epifania de um perigo à representação minimiza-o, e mais ainda quando se trata de uma epifania simbólica. Imaginar o tempo sob uma face tenebrosa é já submetê-la a uma possibilidade de exorcismo pelas imagens da luz. A imaginação atrai o tempo ao terreno onde poderá vencê-lo com facilidade. (DURAND, 2002, p.123).

Abrir a porta das decisões e atravessá-la sentenciou o fim do continuísmo vivenciado pela mulher da limpeza em abrir e fechar a porta das petições, submetimento histórico, ideologicamente justificado, que a condicionou como o sexo frágil, aquela que caiu e seduziu o homem, ao comer o fruto e entregar ao homem, princípio do mal, “estarás sob o poder do teu marido e ele te dominará” (Gn. 3: 16). Segundo a personagem feminina “as portas que realmente queria já foram abertas” (SARAMAGO, 1998, p.6); seu desejo mais profundo era limpar barcos. Esse princípio dinâmico da personagem feminina é pedra de toque na escrita do “Conto da ilha desconhecida” e o feminino sagrado, pois, de acordo com Muraro e Boff (2002), o relato do pecado original, representa a releitura patriarcal do relato originário matriarcal uma espécie de processo de culpabilização das mulheres no esforço de arrebatar-lhes o poder e Seria consolidar o domínio patriarcal. Os ritos e símbolos sagrados do matriarcado são diabolizados e retroprojetados às origens na forma de um relato primordial com a intenção de apagar totalmente os traços do relato feminino anterior. Isso foi feito com tal sucesso, que até os dias de hoje nos perguntamos se efetivamente existiram as deusas-mães e uma fase matriarcal da humanidade (MURARO, BOFF, 2002, p. 95).

Esse romper de estruturas que há muito a impedia a humanidade de olhar, ver e reparar o passado, presente e o futuro, é a concretização de um profundo embate existencial que parece apontar para um princípio rizomático de imagens que se interpenetram atravessando a mulher da limpeza em um estimulante jogo de novas ideias e ideais. Rememora-se, com isso, um dito ancestral da criação: “viu que tudo era muito bom” (Gn. 1,31). Uma via lírica que se constitui como travessia na narrativa; um caminho de expressões, sendo, re-sendo, mudando (ALVES, 1985) e re-criando invenções subversivas contra as formas de enclaustro.

### *Religião, Língua e Literatura*

O relato atual do pecado original representa a releitura patriarcal do relato originário matriarcal. Seria uma espécie de processo de culpabilização das mulheres no esforço de arrebatá-lhes o poder e consolidar o domínio patriarcal.

Esse entregar-se ao sonho desconhecido, matriz e motriz da humanidade perdida, servira para reparar que era hora de parar de ver o espaço das portas, casa do rei, como uma máquina perfeita de medir o tempo. Lá o todo não era igual e, desde a sua constituição ideológica, seus moradores não realizavam sincronicamente as mesmas coisas nos mesmos momentos, visto que era um Éden aparente.

A mulher da limpeza, ao romper com a porta das petições e atravessar à das decisões, mesmo que um jogo metafórico, denota a viabilidade em conseguir um novo pensar – experienciar humano e, assim, modificar em si mesma o quadro fantasmagórico promotor do enclaustramento que, pouco a pouco, se enlarguecia naquele espaço dito de todos, mas posse de uns. Visto que estes últimos, ludibriaram desmoronando as possíveis portas da liberdade que foram sonhadas quando no princípio só havia o Verbo em sua inteireza de sacralidade: mentor do equilíbrio entre o homem, a sociedade e o universo, substantivando a todos e o todo (in)existente.

### ***3. Um contar regressivo de ascendência humana...***

Diz a Palavra, no Livro do Genesis, que no sétimo dia, último dia da criação, o Senhor descansou, visto que o universo havia se constituído, e ele observara que “tudo era muito bom”! (Gn, 1).

No conto da ilha desconhecida, diz Saramago que um homem “deitou-se ao comprido no limiar da porta das petições da casa do rei” (SARAMAGO, 1998, p.1). Um deitar que em essência não revela descanso, mas um desconcertante ato germinal, princípio de uma nova criação/criatura. Mais do que um deitar, fez-se descida. Um repousar estruturador-estruturante para sentir-se próximo às entranhas da mãe terra e, assim, explodir em broto, flor e fruto em sua itinerância à procura do desconhecido. Um processo de aglutinação de elementos místicos, maternos e de encaixe, alimentos necessários ao encontro da humanidade perdida. Este é o princípio da narrativa.

Se na narrativa do Gênesis tudo estava em seu lugar, no conto da ilha, os lugares haviam sido penetrados pela ausência de lugar. Espaços fantasmagóricos assombravam com sua nevoa de ilusões e aparência

corrompendo as retinas da consciência humana. Era preciso que um sonho revelasse a possibilidade de um enfrentamento entre grandes e pequenos e a consecutiva vitória do poder minoritário pela astúcia e crença de que “navegar é preciso” é perigo.

O fascínio e o perigo em avançar em águas oceânicas, espelhos de desdobramento de imagens do eu e símbolo do duplicado (DURAND, 2002) são, simultaneamente, veneno e remédio ao navegador, mas é justamente no discernimento desses elementos que se encontra a redenção necessária ao ideal da nova criatura/criação/criador. Sem discernimento é grande o perigo em ficar-se preso ao ter e esquecer-se de que há na solidão sonhada uma solidariedade compartilhada. Entender que há sempre alguém a espreitar sonhos. Não, tão somente, como ameaça destrutiva, mas como a terra que anseia pela semente que cairá em suas entranhas, explodindo-se em vida crescente ou, sonoramente, como o córrego que, em sua singeleza, vai deslizando mansamente ao encontro com o grande mar — uma regularidade singular da essência presente em toda criação.

Diz Dom Helder Câmara (1909-1999), religioso pernambucano que vivera a muitas experiências em deslocar e deslocar-se com seu discurso catequético libertador: “Não, não pares! É graça divina começar bem. Graça maior persistir na caminhada certa, manter o ritmo... Mas a graça das graças é não desistir, podendo ou não, caindo, embora aos pedaços, chegar até o fim” (CÂMARA, 2018). Contudo, se não há abertura dos sonhadores, estes podem deixar por passar o elo de cumplicidade tecida do mesmo sonhar à revelia do conhecimento. Na obra “O conto da ilha desconhecida” é revelado que “é deste modo que o destino costuma comportar-se conosco, já está mesmo atrás de nós, já estendeu a mão para tocar-nos o ombro, e nós ainda vamos a murmurar” (SARAMAGO, 1998, p.5). Por isso, no futuro dessa narrativa, quando a noite invade o barco e ao azulado das águas do mar, a mulher da limpeza não perde o seu propósito e se faz presença-presente ao lado do homem.

Desse modo, ao ver o homem pedinte deitar-se no limiar da porta das petições, e a mulher da limpeza ao sair pela porta das decisões, percebe-se que ambos embarcaram em um navegar de cumplicidade humano-existencial; um remar divergente do habitual societário, em que as fichas simbólicas estão em (des)uso por uns poucos (GIDDENS, 1991), por isso, é tecido e tessitura da nova vida sonhada a bordo de uma consciência que propicia um atar e desatar de nós; conduz à libertação/ liberação do humano



### *Religião, Língua e Literatura*

e corrige as miopias sociais, políticas e ideológicas – “os caprichos humanos”.

Enquanto o homem deitava no limiar da porta das petições, sua companheira estava sendo germinada para que no futuro, tão presente, se fizesse ventre de acolhida do sêmen esperança carente de consciência fértil e, assim, não perdesse de vista o fio condutor da Palavra que, em si, se fez verbo e a substantivou. Diz Monique Augras que “a palavra, em si, já é ação. No pensamento lógico, palavras servem apenas de intermediário. No pensamento mítico as palavras são coisas. Uma simples palavra domina o mundo” (AUGRAS,1967, p. 10).

A profundidade do ato de deitar do homem que desejava um barco revela o sono profundo que o homem na narrativa do Gênesis sentiu quando de sua costela se originava uma auxiliar que lhe fosse semelhante (Gn, 2,20-21). Nesse constituir onírico, o homem pedinte e a mulher da limpeza “tornam-se um para o outro a revelação do que cada um é” (STORNILOLO, 2007, p.17) protagonistas de uma nova unidade humana societária.

O fincar e sair de portas desses personagens potencializou as grandes utopias, rememorando que os homens são donos, não só das ciências, mas de inúmeras possibilidades em *saber-fazer* e *fazer-saber*, germes da criação – novas criaturas. Isso, porque somos um mundo em construção permanente. Desgastar o mundo é desgastar e desgostar de nós mesmos, uma breve reflexão da inopinada atitude onipotente do rei que não consegue, sequer, imaginar um caminho oceânico que conduza à ilha desconhecida.

Assim, a mulher da limpeza ao deixar o palácio e ir ao encontro do navegador, mesmo que este “não tenha ainda sequer começado a recrutar os tripulantes, já leva atrás de si a futura encarregada das baldeações e outros asseios” (SARAMAGO, 1998, p.5), coloca-se a diante, faz-se companheira, cúmplice na/da jornada distanciando das crostas pretensiosas do rei que não consegue olhar, ver e reparar. Em silêncio ascuta o mais profundo de seu desejo humano, sua fertilidade cônica desejosa de fecundidade libertária, por isso, antecipa a escolha da caravela sem mesmo revelar sua presença e sua escolha ao Homem pedinte e ao Capitão que, à beira do Porto, dialogam a respeito da Ilha desconhecida e do barco navegável a navegar.

Impressiona o diálogo entre o propenso navegador e o capitão real. Assim como o rei, o capitão do rei questiona a atitude do propenso navegador, visto que não se tratava de um marinheiro, não possuía carta de

navegação, conseqüentemente, não sabia navegar. Contudo, a firmeza eloquente do homem que do princípio se fez verbo e que não teme em ir à busca da ilha desconhecida, predica: quanto ao navegar, “aprenderei no mar” (SARAMAGO, 1998, p.6). Por isso, diz com extrema segurança: “dá-me antes um barco que eu respeite e que possa respeitar-me a mim” (Idem, p. 6). E, descortinando a cegueira do Capitão do rei, sentencia-o: “é estranho que tu, sendo homem do mar, me digas isso, que já não há ilhas desconhecidas” (Idem, p.6). Magistralmente, rememora um ato experiencial, também curtido por aqueles que se permitem lançar a aventura do desconhecido, tornando-se pergunta-resposta de si mesmos. Deflagra um golpe certo na ausência de faróis no porto-consciência dos navegadores reais, “homem da terra sou eu, e não ignoro que todas as ilhas, mesmo as conhecidas, são desconhecidas enquanto não desembarcarmos nelas” (Idem, p.6). A cada sentido e sentença proferidos pelo navegador, mais cumplicidade este adquire da mulher da limpeza; uma desconhecida que se fez conhecer em pensamento e atos.

O porto, o diálogo e o admirar do barco fizeram o último (des)casual da mulher da limpeza que, tirando o véu de sua ausência, tão presente, proclama a escolha que havia feito \_ uma caravela. Embarcação que os conduziria à Ilha desconhecida: “é o meu barco, é o meu barco” (SARAMAGO, 1998, p.6). Não um meu “egoístico” e, sim, um meu pluralístico – simbiose do eterno verbo flexionado na primeira pessoa do plural.

Não apenas um barco, cognato que generaliza. Uma *Cara-vela*. Duas raízes imprescindíveis nessa intersecção humana. Um buscar identitário pautado na liberdade do singlar mar afora os mares adentro. Velas que no imaginário ambientam asas que conduzem ao luminoso existencial necessárias para dominar o mar, o mundo, o universo, uma grande tarefa descrita no Gênesis (Gn 1: 28); diz o dito popular “nas asas da imaginação todas as coisas se tornam possíveis”. Diz o conto que “as velas são os músculos do barco, basta ver como incham quando se esforçam, mas, e isso mesmo sucede aos músculos, se não se lhes dá uso regularmente, abrandam, amolecem, perdem nervos das velas” (SARAMAGO, 1998, p.7).

Homem e mulher, *Cara-vela* em transformação contínua a navegar no infinito das transformações em busca do transcendental, dominando e dominando-se. Um contemplar do alto, fecundo de soberania, ausente da tirania em ter; *simples-mente* ser. Construto de posturas

### *Religião, Língua e Literatura*

ascencionais. E assim, olhar, ver e reparar o abissal marinho no caminho rumo à ilha desconhecida. Um exercício constante para manutenção do humanizar-se.

Ao fincar os pés na Caravela, a mulher com olhar e visão de lupa, associados ao esquema da elevação e aos ideais da transcendência, com retidão moral (DURAND, 2002) percebe com nitidez “a arte de marinharia” (SARAMAGO, 1998, p.7), colocando em confronto a luminosidade de uma consciência crente no impossível e a caravela ressequida e abandonada pela descrença evocando a imagem do herói solar (DURAND, 2002), enquanto o homem sai à procura da tripulação que acaba por não encontrar, visto que estes disseram ao homem, a exemplo do rei e do capitão do rei, que “já não há ilhas desconhecidas, e que, mesmo que as houvesse, não iriam eles tirar-se do sossego dos seus lares e da boa vida dos barcos de carreira para se meterem em aventuras oceânicas, a procura do impossível” (SARAMAGO, 1998, p.8). Bem dizem teóricos de plantão que cabeça pensa onde os pés estão fincados. Quão profundas são as presas da serpente que com sua calda traz para si a todos, envenenando-os com seu mundo de ilusões e desesperança, provocando profundas cegueiras de consciência.

Mas a tripulação necessária estava completa: o homem navegador e a mulher da limpeza, constituídos imagem e semelhança do outro. Mesmo que uma loucura, a mulher não teme em assumir tão grande desafio. Isto porque, a sinergia entre as personagens explicita um copular de sonhos. Arriscam na aventura de ir ao encontro da ilha desconhecida. Dialogam com a arte de filosofar, fazem vir às claras o pensamento por vezes “adormecido, entorpecido, entrópico”. Assim, diz o homem navegador que, mesmo tendo outros ofícios, quer encontrar a ilha desconhecida para saber quem o é quando nela fincar os seus pés, pois segundo o personagem “se não saís de ti, não chegas a saber quem és” (SARAMAGO, 1998, p.8).

Nesse confluir de ideias e ideais rememora a mulher da limpeza um dito do filósofo do rei, “todo homem é uma ilha” (SARAMAGO, 1998, p.8). Mas habituada a ser apenas a mulher da limpeza, do coser, não se imaginara nessa aventura magistral do lançar-se para fora, imergindo-se para dentro; de certo, o filósofo com suas filosofias não se entregava à arte de filosofar: olhar, ver e reparar a si e o mundo à sua volta, por isso, temia em mergulhar no grande mar, espelho da duplicidade, à procura da ilha desconhecida. Da intimidade dialógica entre os personagens explicita a ideia de que “é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não nos saímos de nós próprios” (Idem, 8). A mulher fértil e consciência da

viagem faz o homem conhecer a caravela, diz que é necessário conhecer por dentro o que se conhece por fora, descer na profundidade do bem conquistado para saber melhor fazer uso da arte de marinhar.

A noite chega à caravela, invade a proa e convida os dois tripulantes a descerem a escada secreta rumo ao desconhecido. A mulher se faz mentora nessa jornada para que o homem navegador não confunda a descida com queda, isso porque a ausência de uma tripulação e das mil coisas necessárias a abastecer a viagem e a ausência, também, de discernimento poderia levar a uma inopinada conclusão. Eis que a mulher em sua imponência partilhada conduz o navegador a uma entrega visceral em busca do primeiro desejo: ir ao encontro da ilha desconhecida. Outrora saíra pela porta das decisões e não tornaria a passar por ela. Esse descer coloca em evidência o papel das cores noturnas, seus matizes motores de múltiplas interpretações e seus sons que de melodias transformam-se em ruídos (DURAND, 2002). Em contrapartida, aproveitando-se da dimensão terapêutica do esverdeado da noite convidam-se a dormirem. Deitam-se sob a luminosidade lunar, medida do tempo e do eterno retorno à humanidade perdida. Surge daí, a triunfal transformação da Cara-vela. Mulher e Homem, do sono-sonho, protagonizando uma nova criação-criatura-criadores. E, interseccionados barco-Ilha-Éden penetram na profundidade do sonhar tornando-se para os tripulantes ossos se seus ossos, carnes de suas carnes, e nestes, um para o outro um só habitar, um só corpo em coordenadas que não se encontram em meridianos e paralelos e, sim, na mente humana.

Nesse copular, homem e mulher se constituíram caminho e caminhada ao descerrarem uma nova realidade: um novo mundo é possível e, no Éden da existência humana *re-criado* “viram que tudo era muito bom!” (Gn 1,31). E, assim, “a Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma” (SARAMAGO, 1998, p.12), revelando que o humano é um eterno encontro consigo à procura do outro.

#### **4. Algumas considerações**

“O Conto a procura da ilha desconhecida” tece um gênesis de sentidos e sentenças à vida. Assim, adentrar o universo simbólico, sua extensão e intenção, é por vezes dominar os saberes do rito de passagem à aquisição do poder em seu jogo inter-ativo de múltiplos signos, de modo a se perceber as dualidades tão intrínsecas, furto e fruto à vida. Alfa e Omega.

### *Religião, Língua e Literatura*

Morte e vida. Tudo tão próximo e distante a depender da dimensão verbo-icônica do imaginário e a sua lógica na/da dinâmica intratextual.

O diálogo estabelecido, mesmo que, não tenha exaurido a vasta complexidade das obras procurou “não só através daquele articulado com sua significação, mas aquele que é capaz de libertar da ingenuidade pesada e séria dos físicos ‘racionalistas’ e, simultaneamente, despojar-se a si mesmo na relação a si e no saber de si (DERRIDA, 2005, p.12), posto que em grande parte as obras de ficção importantes comunicam uma ou mais "mensagens", que são transmitidas pelo texto mas não estão no texto (NOVA, 2000).

O conto da ilha desconhecida trata-se, entre muitos outros significados dominados pela lógica da similaridade, do despir humano, marca incontestável de Saramago, seja no construto das personagens, seja nos espaços materializados, indicativos consignados de papéis sociais e suas representações. Não obstante, o Livro do Gênesis, como primeira parte da Lei que orientava o povo no processo de libertação, também, revela o divino que cria e organiza tudo em favor da vida, e, no construto do paraíso, projeta a esperança de um mundo novo e justo, um despir da humanidade em processos de construção societária. Isto posto, sobressai na transversalidade das obras, o poder criador, como gênese da ação humana e o seu devir.

A narrativa de Saramago define magistralmente a intelectualidade do sentir, tornando-a capaz de transmitir plenamente o seu fingimento verossímil, capaz de desnudar os corpos que agonizam por liberdade para usufruírem dos frutos e saberes potencializadores de desejos-sonhos reprimidos pelo absolutismo patriarcal que usurpou a consciência para o encontro das diferenças: feminino-masculino. E, portanto, costura o ato da representação humana; um elo que abre espaço para o que não é “um”, por assim dizer, permitindo aos sujeitos envolvidos um movimentar de sentidos ditos e entreditos ao encontro de si, descortinando os melindres e meandros, tensões da natureza humana. Cada gesto, posição, olhares e jogos de cena direcionados vão corroborando o movimentar astucioso da capacidade humana em adquirir, aferir e construir um mundo como projeção do corpo na emergência de um novo paradigma civilizacional.

O reverberar do silêncio e enclaustrado societário, metamorfoseado nos corpos insepultos do feminino-masculino nessa análise interpelam em seu “silêncio mimético” o leitor a “reparar” a desconstrução, construção e reconstrução dos (des)caminhos realizados no tempo, que embora

ficcional, “aponta enquanto portador de símbolos para um mundo histórico-social” (CHIAPPINI, 1997, p135).

A narrativa do Conto da ilha desconhecida, como um desenrolar contínuo e múltiplo evita a univocidade, considerando a categoria plástica do imaginário, destinada a fazer ponte com a realidade, sem perder de vista sua carga poética, de modo que a estética intercambia à complexidade histórica, cultural e política e à análise da mesma em diálogo com outras obras. Uma visão cosmogônica de homem, sociedade e de mundo, uma “força vital, vapor do corpo, liquidez carnal e espiritual, no qual toda atividade repousa, se espalha no mundo ao qual dá a vida” (ZUMTHOR, 2010, p. 66). Isso porque, o narrar não é um conto do “era uma vez”, energia tecelã que fia de forma operante a tessitura da vida. Não fragmenta. Encarna em todo ser. Daí, ser a palavra dita, elemento sacro – uma coordenada não apenas histórica-geográfica-religiosa, e sim, humanoliterária, pois um ser de palavra é guardião de si, de toda linhagem que em torno de si se fez e se faz gênese contínuo da humanidade em construção a procura de si, outrem.

## REFERÊNCIAS

- ARTAUD, Antonin. *O teatro e o seu duplo*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- AUGRAS, Monique. *A dimensão simbólica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1967.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. Paulinas, 1990.
- BOFF, Leonardo. *Ética e eco-espiritualidade*. Campinas: Verus Editora, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- BORBA, Francisco S. *Dicionário UNESP do português contemporâneo*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- BORNHEIM, Gerd Alberto. *O sentido e a máscara*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BUESCU, Helena Carvalhão. *Experiência do Incomum e Boa Vizinhança*. Literatura Comparada e Literatura-Mundo. Porto: Porto Editora, 2013
- CÂMARA, Helder. *Não, não pare* (2018). Disponível em: <https://www.paulinas.org.br/editora/pt->

### *Religião, Língua e Literatura*

[br/?system=news&action=read&id=15746](http://br/?system=news&action=read&id=15746). Acesso em 13 de maio de 2020.

CHIAPPINI, Ligia. *Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo*. In: CRISTOVÃO, Fernando, FERRAZ, Maria de Lourdes; CARVALHO, Alberto. *Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas*. Lisboa: Cosmo, 1997.

COELHO NETO, J. Teixeira. *Semiótica, Informática, Comunicação*. 6ª. Ed. São Paulo: perspectiva, 2003.

DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. 3a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

\_\_\_\_\_. *O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem*. Trad. Renée Eve Levié. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

ECO, Umberto. *Interpretação e superinterpretação*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GARBERA, Maria Fernanda. *Antígona e os diálogos trágicos*. CES REVISTA: Juiz de Fora, v. 31, n. 2, 2017.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

LIVERANI, Mario. *Para além da Bíblia: História antiga de Israel*. São Paulo: Loyola, 2008.

MACHADO, Roberto. *O nascimento do trágico: de Shieller a Nietzsche*. Rio de Janeiro: Jorde Zahar Editor, 2006.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

NOVA, Vera Costa. PEREIRA, Elvina Maria Caetano. *Contribuições para uma nova leitura do texto teatral* (2000). Disponível: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/issue/view/91>. Acesso 10 de abril de 2018.

PACOT, Simone. *Volte à Vida! A evangelização das profundezas*, Tomo II. Trad. Maria Eugenia Nogueira. São Paulo: Editora Santuário, 2007.

PASCOAES, Teixeira de. *Arte de ser português*. 3ª. Ed. Lisboa. Assírio & Alvim, 1998.

RECH, Helena T. *As duas faces de uma única paixão: Uma reflexão teológica sobre experiência cristã de Deus e suas consequências para a vida consagrada da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulinas, 1998.

RICOEUR, Paul. *Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Lisboa/Portugal: Edições 70, LDA, 2009.

- SARAMAGO, José. *O conto da Ilha desconhecida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Disponível em <http://groups.google.com/group/digitalsource>.
- \_\_\_\_\_. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SOARES, Francisco. *Teoria da literatura e literaturas africanas*. In: CHAVES, Rita. MACEDO, Tânia. *Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa*. São Paulo: Alameda, 2006.
- STORNIOLO, Ivo. BALANCIN, Euclides M. *Como ler o livro do Gênesis: origem da vida e da história*. São Paulo: Paulus, 2007.
- WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Ed. Loyola, 2007.